



GT10 – Sensações do moderno: história, cidades e sensibilidades modernas

Coordenador(es): Jordan Queiroz Gomes e Luiz Carlos dos Santos

CONSTRUÇÕES SOCIAIS DO MODERNO NO NORDESTE BRASILEIRO¹

Eslânia Fernandes Gomes²

Resumo: O período Moderno Brasileiro chega ao Rio de Janeiro, seu precursor nacional, em meados do século XIX espelhado nas imagens de Londres e Paris, consideradas cidades modernas desde a execução das mudanças físicas e sociais que impulsionaram a criação do espírito moderno. No Nordeste Brasileiro a modernidade além de trazer todo este aparato Europeu, trouxe também enriquecimento a um setor que estava exaurido pós-decadência da cana de açúcar. Com o Trem, provindo do manuseio do ferro, a região viu o florescer de um forte pólo econômico: a indústria do algodão, onde fora então possível recriar o cenário Nordestino que desde a decadência açucareira era então representado pela seca e pobreza. Esta virada econômica fez a população absorver o espírito do Moderno, levando-o além das reformas urbanas e desenvolvimentos econômicos e tecnológicos, ela estava no vestir-se, no portar-se, em um novo código de postura voltado ao cidadão moderno. As demandas do “ser moderno”, podiam ser vistas na difusão da propaganda que mostrava uma nova percepção temporal e cultural: a construção de uma resignificação da cultura nordestina.

Palavras Chave: Nordeste, moderno, reformas, social, iluminismo

1. Projeto moderno

O projeto da modernidade visava, segundo os ideais iluministas, buscar o progresso humano através do desenvolvimento intelectual do homem, alargando a mentalidade do mesmo a partir de esferas e organizações sociais que atuassem de modo racional. Ampliando o intelecto criticamente, ele gradativamente assumiria uma posição de libertação das mesmas instituições. Sendo assim elas seriam apenas norteadoras para a descoberta da sua própria racionalidade, onde por intermédio do saber se buscaria a libertação das irracionalidades do mito, da religião, da superstição, do uso arbitrário o poder até que crie uma lógica própria do mundo.

A busca pelo conhecimento então forjaria o progresso, o que marcou formidavelmente este período. A ciência uniu-se a tecnologia para suprir as necessidades humanas, ampliando suas capacidades, ao menos este era o plano. Era necessária uma compreensão do ambiente

para que o indivíduo se encontrasse no mesmo. Era então um ideal de progresso social e pessoal.

Algumas expressões desta junção da ciência e da tecnologia podem ser vistas em grande escala na figura das exposições universais, que desempenhavam uma busca exacerbada do grande, do novo e belo, e em escala menor nas invenções que se aplicavam nas funções cotidianas, como a luz elétrica, o telefone, o bonde, as máquinas industriais, e nos grandes e cada vez mais luxuosos trens de ferro.

A modernidade se caracterizou, portanto por uma grande exposição de suas virtudes, ela *pretendia* atingir a todos de forma abrangente, e visual, era um plano de melhoria que abrangia redefinir o indivíduo, e assim também suas relações com o mundo. Mas do que uma mudança estética ou comportamental pretendia transformar a mentalidade humana, fazendo-o necessitar ser moderno.

Para isto, ela precisaria criar uma situação que superasse a quebra com o antigo, precisava que se produzisse um desconforto com o mesmo, como se quem não a pretendesse estava tão sumariamente irracional que não percebesse como era necessária. Foi então na idéia de necessidade que a modernidade se apoiou.

2. Modernidade no Nordeste

O contato do Nordeste com os ideais iluministas, se deu de certa forma antes do apelo nacional pelo moderno, ele veio pelos portos com a exportação de algodão.

No início do século XIX quando o Brasil abre seus portos ao comércio internacional, algumas cidades tinham neles a sua principal atividade econômica, estreitando assim as relações com a Europa, que se intensificaram com a implantação da cultura do algodão na Paraíba, que atingiu seu apogeu quando o Brasil passou a fornecer algodão a indústria têxtil inglesa, em função da Guerra da Secessão.

Apesar de ter sido implantado recentemente, foi o algodão que permitiu o desenvolvimento no Nordeste que com a crise açucareira anterior, seguida da seca, havia se desestabilizado economicamente. Com a baixa dos preços causada pela crise, parte da população foi levada a condição econômica de subsistência, a seca atingiu primeiramente este setor tornando a situação econômica, destes, miserável. Estes tendem a migrar para pontos do litoral onde vivem à custa da caridade governamental.

A pecuária já debilitada, é atingida pela mortalidade do gado e o comércio de exportação e interior se veem completamente desestruturados devido a dificuldade de transporte da produção algodoeira e na baixa da produção agrícola. O declínio do trabalho

escravo é acelerado a maneira que os grandes proprietários são obrigados a se desfazerem de seus escravos. O estado atinge a exaustão total.

Quando o Brasil então começa a exportar o Algodão para a Europa, o capital é primeiro usado para viabilizar o mantimento do comércio, como na melhoria da infraestrutura urbana, à priori, nas instalações portuárias e no sistema de transporte. A população atraída pelas possibilidades que a cidade aos poucos oferecia migrava, já que a comercialização com a Europa também lhes permitia a comercialização de diversos produtos.

O enriquecimento destes setores se une a adesão do manuseio do ferro, possibilitando redirecionar este capital para a produção de trens, que ajudariam a melhorar as condições de transporte do algodão.

Aos poucos as capitais Nordesteiras se afirmaram como centros administrativos e se convertiam a uma estrutura mais urbana. A ligação com comerciantes Europeus fez necessária a implantação de alguns recursos na cidade como hotéis e restaurantes. O que possibilitou, quando no movimento moderno, o Nordeste acompanhar o desenvolvimento nacional.

As bases para que o modernismo se aplicasse a vida urbana nordestina já estava forjada, a mentalidade social aos poucos se voltava para uma vida urbana, o convívio com novas formas de comércio e as relações sociais aos poucos tinham se tornado mais freqüentes e próximas.

Então quando o movimento social atinge o Rio de Janeiro, algumas capitais absorvem as tendências que defendiam o progresso, as melhorias urbanas tendem a ganhar importância e o movimento social se torna mais abrangente. Uma cidade bonita era então o ponto de partida para chegar o progresso. O que se torna um dos objetivos governamentais do Nordeste trabalhar nos chamados “melhoramentos materiais” - ou obras públicas como conhecemos - que transformaram a estrutura da cidade moderna.

Este impulso de transformação pública se deu tanto pelo desenvolvimento tecnológico que a modernidade exigia, como pelo potencial econômico que havia se alargado no Nordeste, as relações freqüentes com comerciantes Europeus também pode ter dado um toque mais fluido à aceitação do mundo moderno.

A modernidade também veio como uma busca por uma postura de quem se queria ser, era uma representação, todos os ornamentos e códigos de sociabilidade que esbanjavam aqueles que eram modernos, era o que definia-os das pessoas comuns, eles representavam quem desejavam se tornar. A modernidade trouxe isto, junto com a ascensão burguesa, a possibilidade de se tornar, não ser mais um ser fixo, mas sim fluido, que pode aderir a modernidade e ser moderno.

Ela estava disseminada nos projetos governamentais do Brasil como um todo, em Campina Grande ela chegou fortemente em 1935, no mandato de Vergniaud Borborema Wanderley, ele instalou mudanças estruturais muito voltadas para esta visão moderna. Estudou Direito em Recife, um dos pólos do pensamento moderno Brasileiro, o que justifica sua tendência forte aos ideais modernos, por meio destas influencias podemos perceber a implantação desses ideais nos projetos concretizados em seus dois mandatos. Construiu um enorme cenário de reforma urbana baseado nos pilares modernos onde além de reformas, inúmeras mudanças foram efetuadas, como a construção do Grande Hotel, o redirecionamento e reagrupamento da 'feira', assim como também a cadeia que passa a ser em lugar mais afastado das grandes vias onde transeuntes transitariam, e a construção do Cine capitólio, que são diretamente ligadas as influencias Européias de higienização e embelezamento.

Essas mudanças foram mais que estruturais, elas mudaram o significado da concepção de viver daqueles indivíduos, e mesmo que a modernidade não tenha atingido as cidades da mesma forma, já que ela estava ligada as condições econômicas de cada uma, ela criou uma nova teia de relações sociais.

A cidade mudava e com ela as formas de ver as coisas, a maneira como cada lugar era disposto na cidade atendia a uma nova gama de atributos e necessidades que talvez nunca antes tivessem sido pensados.

A instalação de serviços urbanos proporcionou condições de tráfego, passeio e permanência, pois assegurava a comodidade dos transeuntes, que com a energia elétrica possibilitou ainda o acesso as vias noturnas. A lâmpada além de modificar a iluminação que antes era a gás, trouxe uma nova percepção ambiental, novas estruturas dos ciclos de trabalho, como o surgimento do operariado, e mudanças de hábitos culturais.

Ela foi possivelmente um divisor de águas para o período moderno, as novas relações que a lâmpada trazia a noite como a extensão dos ciclos de trabalho, trouxe a possibilidade de uma nova relação com o tempo que havia se '*alargado*', dando possibilidades a uma sociabilidade noturna como galerias, praças, teatros, surge então um período que possibilitava a ociosidade do dia de trabalho, que suscitava uma percepção do mundo.

O indivíduo agora tem a possibilidade de caminhar e observar a rua, ele não usa o meio urbano apenas como um caminho que separa sua casa da feira ou do trabalho, o meio urbano pouco a pouco vai tornando-se parte da vida social do "Flanêur" de Charles Baudelaire. Essa observação do meio faz com que ele se modifique, se embeleze e se molde ao indivíduo observador. Dando vazão a percepção ambiental que se materializa na construção de espaços verdes dentro do cenário urbano, maquiando a profusão das fábricas.

Diretamente a eles se agregam valores de higienização e moralização do meio, que a partir de então passa a ser freqüentado pelas donas de casa que saíam às compras nas grandes Boutiques, e aos burgueses que freqüentavam então os Teatros e Salões noturnos.

As reformas das ruas que se alargam e se embelezam, são então uma conseqüência do homem moderno que havia mudado seus hábitos culturais a partir das relações de consumo, de desenvolvimento, de imagem, representações do processo científico, e diversão como aporte das relações sociais. A própria cultura assume um novo palco, no qual ganha um papel principal no contexto urbano. Outro marco fora a junção da ciência a tecnologia que por meio das Grandes Expedições, traziam verdadeiros espetáculos urbanos de desenvolvimento e de arte. Aqui no Brasil, a modernidade chega seguidora destes parâmetros dos Estados Modernos e é impulsionada também pela chegada da luz elétrica, da conquista do manuseio do ferro, e da imprensa. Estes três seguraram e ascenderam todos os mecanismos do moderno na estrutura brasileira urbana e social.

A população absorveu o espírito do Moderno, levando-o além das reformas urbanas e desenvolvimentos econômicos e tecnológicos, era o vestir-se, o portar-se. Surge um novo código de postura voltado ao cidadão moderno, e a instalação de serviços urbanos como telegrafo, correios, luz elétrica, aceleram a urbanização e a reconstrução de um Nordeste com ruas largas, bonitas e movimentadas. Surgem praças, cafés, corretos e salões e até mesmo o ponto de Cem Réis, onde parava o bonde, se assume como ponto de sociabilidades. A cidade passa a ser a vitrine moderna do mundo, por ela podia-se observar o crescimento do comércio, o contato direto com a modernidade, os hábitos de consumo que floresciam segundo as tendências modernas, as arquiteturas das fachadas das casas que modificavam atendendo as demandas do “ser moderno”, a difusão da propaganda, e a construção de uma nova cultura nordestina, o Nordeste Moderno.

3. Aquisição de novos hábitos

A rua cenário da vida moderna, passa ser palco para os indivíduos se distinguirem a partir de seus personagens, dentre os mais comuns existiam os comerciantes bem sucedidos das grandes Boutiques, e as madames que as freqüentavam com suas filhas, haviam os homens de negócios que permaneciam por alguma tempo nas ruas quando as negociações se alargavam no tempo, os trabalhadores sempre ocupados no vai e vem das calçadas e dos comércios, e os passantes, muitas vezes rapazotes e intelectuais.

Essa profusão de pessoas nas ruas foi resultado do aumento significativo de casas no setor urbano, devido aos melhoramentos que ele dispunha, aumentando assim a venda de

terrenos nas cidades inclusive para instalação de pontos comerciais. No jornal “A União”, jornal da cidade da Parahyba do Norte, se encontravam artigos que falavam sobre estes melhoramentos e sobre as relações sociais das ruas que não apenas se localizavam apenas na cidade alta mas também na baixa.

Os homens de negócios eram presença garantida do Varadouro, principalmente porque ali também se encontravam as casas de cambio, os atacadistas e varejistas, e os proprietários dos estabelecimentos comerciais com os quais os produtores rurais negociavam suas mercadorias, saldavam e contraíam dívidas. Afora as casas de cambio, lá também se encontravam as hospedarias e as pensões, exemplo da Pensão Brasil, local onde tradicionalmente residiam os estudantes de interior que no liceu, se preparavam com vistas e concorrer a uma vaga na faculdade de Direito do Recife e onde se hospedavam os pequenos comerciantes.

Com o aumento dos comércios a gama de anúncios aumentou vertiginosamente, com esta popularização do meio urbano muitas lojas utilizavam dos anúncios para atrair mais pessoas, como também para divulgar novos produtos, alguns deles utilizavam inclusive de atribuições sanitárias para ampliar sua imagem, como por exemplo, “*temos água encanada, energia elétrica entre outros*”. O que lhes transferia um maior status era possuir sempre novidades que fariam das pessoas modernas ao possuí-los. O consumo fora então o resultado da re-significação que a modernidade sofreu e que a identificou nestes ambientes, não estava ligado a quantidade mais as tendências que se justificavam modernas.

A visão do progresso impunha a adição de tais benefícios urbanos, que atendessem a todos os desdobramentos sociais, a busca por eles associada aos conceitos de higienização formaram o discurso médico que se focava nas condições de vida das pessoas pretendendo resolver os problemas no foco, certas doenças poderiam se prevenidas com a aplicação de novas práticas de higienização do ambiente. Com o aumento populacional das cidades estas medidas teriam que ser também estruturais, aderindo assim também o discurso da engenharia moderna, era portanto necessária a implantação de meios básicos de convívio como uma rede de saneamento, iluminação das vias públicas, reorganização e redirecionamento da “feira”, que foi distanciada das ruas, restrita a um único ambiente, e subdividida em grupos para garantir a qualidade e a salubridade do ambiente, as prostitutas foram proibidas de procurar seus clientes nestes ambientes, e os carregadores também alocados as ruas mais periféricas ao centro.

Para garantir que estas mudanças fossem eficazes um código de moralidade revestiu o ambiente urbano, muitas eram direcionadas as pessoas que transgredissem o modelo de

conduta urbano, e os pobres se fixaram em lugares mais afastados das vias centrais, já que sua condição financeira não lhes permitia providenciar modelos de engenharia que garantissem uma boa condição ao ambiente que dividiam.

Este conjunto de mudanças formaram na mentalidade humana a necessidade de se adequar ao ambiente, comprando, portanto artigos mais atuais para si e suas casas. Assim para que eles se sentissem como sujeitos modernos precisariam usar signos que definiam a modernidade, e mais que isto deveria ostentá-los perante seus pares. Esta condição levou os ideais modernos a serem caracterizados pelo consumo e pela beleza, entretanto esta era apenas a primeira etapa que visava o ser moderno, era necessária a construção de um meio de vida melhor ao humano para que ele pudesse se desenvolver com qualidade.

Todavia, a alienação do consumo enjaulou os indivíduos na busca por artigos cada vez mais atuais e melhores para satisfazer a comodidade e o embelezamento. Passou-se então a buscar-se *estar* moderno em detrimento do *ser* moderno.

À medida que as relações sociais estabeleceram códigos de postura, também costuravam o indivíduo a teia que a busca pelo moderno se tornara; era necessário conhecer as condutas para os muitos ambientes que o meio urbano oferecia e a propaganda também difundia estes códigos. Os lugares onde era bom ou não frequentar, e quem deveria frequentar cada um deles, os lugares de lazer pretendiam diferentes públicos e em distintas disposições segundo seus graus de hierarquização. Nos teatros, por exemplo, os mais abastados financeiramente, portanto mais modernos, já que possuíam e consumiam uma maior quantidade de signos modernos, se locavam em sítios melhores e de maior proximidade ao espetáculo, o que também ocorria nas praças e coretos.

Os códigos de conduta serviam também de opressores àqueles que não possuíssem os atributos modernos, eles classificavam e distinguiam-os em ordem decrescente de privilégios, a cada camada econômica inferior, o que curiosamente is de contra os ideais de luta contra o abuso de autoridade do projeto moderno.

O que percebemos, é que este projeto foi usado e recriado na face da beleza e do consumo, sob uma conduta de disciplinarização das massas. O capitalismo que ele incitou, alienou os sujeitos modernos ao invés de lhes oferecer racionalidade, fazendo-o desviar de ambos os projetos que se utiliza criando um terceiro projeto em sua aplicação, a busca pelo novo.

O projeto atingiu alguns objetivos como a instauração e a busca do progresso, entretanto não possibilitou a criticidade, ao contrario disto o progresso se apossou da interpretação, do disfarce, criou um mito, a busca eterna pelo que virá, difundiu um mito, o

mito moderno, a busca eterna pelo que virá, difundiu de maneira discreta a disciplinarização e permitiu a arbitrariedade do poder pela ação dos “maiores”. A experiência moderna aguçou os sentidos humanos, as cegou perante a necessidade icomensurável de suprir as exigências de buscar o moderno.

Este trabalho é portanto uma análise da dissertação de Doutorado em História do Professor Waldeci Ferreira Chagas, que foram acopladas aos conceitos de moderno que são assim dissertados por outros escritores estrangeiros e serviram de aporte à conceituação do mesmo, é importante ressaltar que esta é assim apenas uma interpretação do mesmo, acrescida de subjetividades de um trabalho que esta em seu decurso, é portanto um artigo que prelude a produção de um estudo que continuará. A modernidade é por si só grande o bastante para ser posta nestas poucas palavras, foi como citado um período de mudanças estruturais, sociais e culturais, trazendo uma nova maneira de ver o mundo. Ela transforma as mentalidades o que muda assim o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAGAS, Waldeci Ferreira. URBANIDADE, MODERNIDADE E COTIDIANO. In: As singularidades da modernização na Cidade da Parahyba, nas décadas de 1910 e 1930. Doutorado em História, Recife: UFPE, 2004, p.119/162.

HARVEY, David. Introdução. In: A condição pós-Moderna. São Paulo, novembro de 1996, Ed. Loyola, 1992.

HARVEY, David. “Modernidade e Modernismo” In. A condição pós-Moderna. São Paulo, novembro de 1996. Ed. Loyola, 1992.

LEFEBVRE, Henri. “Mitos do Urbano e Ideologias”. In. A revolução urbana. Tradução de Sérgio Martins. – Belo Horizonte: Ed UFMG, 1999.

MONTENEGRO, Rosilene Dias; SILVEIRA, Josineide; SILVA, João Adriano; MENEZES FILHO, Rosaldo de. (orgs); “O Nordeste e seus Desafios”. 1ª edição; Campina Grande; EDUFCEG; 2009.